

O *quaijo* que *xerava* bem: um estudo de produções escritas e orais do ditongo <ei> de crianças de dois dialetos portugueses¹

Celeste Rodrigues

celesterodrigues@campus.ul.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

Jéssica Gomes

jgomes4@campus.ul.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)

ABSTRACT.

In an early stage of learning to write, diphthongs are complex structures that cause difficulties for many children. In addition to having a two-character representation, diphthongs have different phonetic forms that seem to interfere with children's consolidation of the conventional spelling, depending on whether their dialect more or less resembles the graphic form of the structure. Based on the idea that, unlike the northern dialect, the southern dialect produces the diphthong /eI/ as [e], the goal of the present paper is to analyze the behavior of children from Alentejo and Trás-os-Montes (from Elvas (E), Vila Nova de Santo André (VNSA), Bragança (B) and Chaves (Ch)) from the 2nd year of schooling regarding this structure. It is also known that /eI/ centralization occurs in some regions beyond Lisbon, and its effect on children's writing outside the capital is unknown. As such, written productions from the mentioned localities will be observed in order to compare the results with those from Lisbon (L) and Porto (P) of the same diphthong, reported by Rodrigues & Lourenço (2017). Our results concerning writing indicate that children from the South of the country (L, E + VNSA) have more difficulty in stabilizing the spelling of the diphthong <ei> than children from the North (P, B + Ch). The order of the hit rates is as follows: P >> B + Ch >> E + VNSA >> L, which confirms the existence of possible effect of dialect on the spelling performance of these children. The non-conventional forms (FNCs) varied according to dialectal region. In the two Alentejo localities, there was a preference for the erroneous forms <*e>/<*é> and <*ai>, which allows us to hypothesize that, in addition to the to the single vowel [e] form already described by dialectal studies, the oral form [ej] is also present there. In turn, in the localities of Bragança and Chaves, the FNC <*ai> was the most frequent, suggesting that the pronunciation in this region may

¹ Este trabalho beneficiou de apoio financeiro por parte do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - CLUL 2020: UIDB/00214/.

be [ej] in addition to [ej]. Only the oral productions of the students who presented FNCs were analyzed, to try to understand whether the FNCs adopted derived from a direct transposition from their orality to writing. The observed orality data revealed that (i) there are children who establish a direct relation between oral form produced and FNC adopted, (ii) there are children whose oral and written production have no relation, thus, there is no transposition in writing of the oral form and, finally, (iii) there are children whose production in writing and/or orality varies depending on the lexical item. These results suggest that the analysis of children's writing and speech may be a way to discover new clues for the development of other sociolinguistic work on Portuguese.

KEYWORDS.

Spelling learning; Primary School; diphthongs; phonological complexity; dialectal variation.

RESUMO.

Numa fase inicial da aprendizagem da escrita, os ditongos constituem estruturas complexas que geram dificuldades a diversas crianças. Além de possuírem uma representação com dois caracteres, os ditongos apresentam diferentes realizações fonéticas que parecem interferir na consolidação da forma ortográfica convencional das crianças, conforme o seu dialeto se assemelhe mais ou menos à forma gráfica da estrutura. Partindo da ideia de que, contrariamente ao dialeto setentrional, o dialeto meridional possui monotongação do ditongo /eI/ como [ej], o objetivo do presente artigo é o de analisar o comportamento de crianças alentejanas e transmontanas (de Elvas (E), Vila Nova de Santo André (VNSA), Bragança (B) e Chaves (Ch)) do 2.º ano de escolaridade no que diz respeito a esta estrutura. Sabe-se também que a centralização do ditongo ocorre em algumas regiões para além de Lisboa, desconhecendo-se qual o seu efeito na escrita infantil fora da capital. Como tal, serão observadas produções escritas das localidades mencionadas com o objetivo de comparar os resultados com os de Lisboa (L) e Porto (P) do mesmo ditongo, reportados por Rodrigues & Lourenço (2017). Os resultados apresentados referentes à escrita indicam que as crianças do Sul do país (L, E + VNSA) têm mais dificuldade em estabilizar a grafia do ditongo <ei> do que as crianças do Norte (P, B + Ch). A ordem das taxas de acerto é a seguinte: P >> B + Ch >> E + VNSA >> L, o que confirma a existência de possível efeito do dialeto no desempenho ortográfico destas crianças. As formas não convencionais (FNCs) registadas variaram consoante a região dialetal. Nas duas localidades alentejanas, houve preferência pelas formas erróneas <*e>/<*é> e <*ai>, o que permite colocar a hipótese de que, para além da forma monotongada já descrita pelos estudos dialetais, também a forma oral [ej] aí esteja presente. Por sua vez, nas localidades de Chaves e Bragança, a FNC <*ai> foi a mais frequente, sugerindo que a pronúncia desta região pode ser [ej], além de [ej]. Foram analisadas apenas as produções orais dos alunos que apresentaram FNCs, para tentar compreender se as FNCs adotadas derivavam de uma transposição direta da sua oralidade para a escrita. Os dados da oralidade observados revelaram que (i) há crianças que estabelecem uma relação direta entre forma oral produzida e FNC adotada, (ii) há crianças cuja produção oral e escrita não possuem relação, logo, não existe transposição na escrita da forma oral e, por último, (iii) há crianças cuja produção na escrita e/ou na oralidade varia em função do item lexical. Estes resultados sugerem que a

análise da escrita e da fala infantil pode constituir um modo de descobrir novas pistas para o desenvolvimento de trabalhos de natureza sociolinguística de outra envergadura.

PALAVRAS-CHAVE.

Aprendizagem da escrita; Ensino Básico; ditongos; complexidade fonológica; variação dialetal.

1. Introdução

Os estudos que investigam a influência que o dialeto das crianças portuguesas pode ter na aprendizagem da escrita são relativamente recentes e escassos. Ainda assim, os resultados destes trabalhos permitem-nos extrair uma conclusão: a variedade dialetal em que o estudante se insere parece ter impacto na aprendizagem da escrita, beneficiando-a ou não, consoante a sua variedade dialetal se assemelhe ou se afaste da forma escrita (cf. Gomes & Rodrigues 2021a, 2021b, Rodrigues 2021, Rodrigues & Lourenço-Gomes 2016, 2017). Contudo, tanto quanto sabemos, o confronto de dados orais e escritos da mesma criança não foi, até ao momento, analisado em português europeu (PE). Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo comparar registos escritos com produções orais do ditongo/*el*². Na literatura consultada, esta estrutura é descrita como complexa para a generalidade das crianças, causando dificuldades na aprendizagem da escrita convencional (Adamoli 2006, Defior & Serrano 2005, Rodrigues & Lourenço-Gomes 2016, 2017). Não são totalmente claras as razões da complexidade da aprendizagem do ditongo escrito, ou seja, se são razões de complexidade ortográfica, gráfica e/ou linguística, nomeadamente a complexidade fonológica. Para além disto, /*el*/ está associado a diferentes variantes fonéticas no território linguístico do PE (Andrade 1981, Barros 1994, Barbosa 1983, Cintra 1971, Florêncio 2001, Segura 2013; Vasconcelos 1901, Veloso 2019). Por vezes, diferentes variantes fonéticas encontram-se em dialetos distintos. Porém, noutras vezes, a variação ocorre num mesmo dialeto, o que pode motivar a

² /*el*/ é a notação fonológica do ditongo ortográfico <ei> - recuperada de Mateus & Andrade (2000). Esta notação assinala com maiúscula o elemento vocálico do núcleo silábico que só pode ser realizado como semivogal ou omitido, ou seja, que nunca é realizado como vogal.

existência de mais dificuldade na estabilização da pronúncia das crianças e, eventualmente, a sua assimilação tardia da forma escrita do ditongo. Assim, procurar-se-á compreender se, tal como já foi mencionado, o dialeto da criança pode acarretar um custo, maior ou menor, na aprendizagem da escrita, que se veja refletido no tipo de formas não convencionais (FNCs) adotadas. De igual modo, tentar-se-á perceber se a forma como a criança pronuncia o ditongo se relaciona ou não com a representação gráfica desviante que adotou nos textos escritos.

1.1. A monotongação vs. a preservação do ditongo <ei>

É sabido que o ditongo histórico grafado como <ei> deriva de /al/ do latim, devido a uma assimilação (vocálica) regressiva parcial (Velooso 2019) da qual resulta uma grande proximidade articulatória entre os elementos do ditongo [ej] atualmente – ambos os segmentos são coronais, diferindo somente na propriedade Altura³. Essa proximidade articulatória parece-nos estar na origem da instabilidade e conseqüente variabilidade da produção deste ditongo, que se estende a outras estruturas onde este surge em português contemporâneo (nomeadamente, aos casos de pluralização de palavras terminadas em -l).

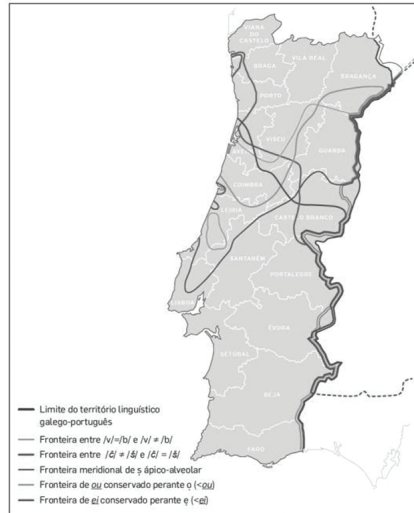
Apesar de Teyssier (1982) referir que a monotongação do ditongo [ej] data da segunda metade do século XVIII com origem no Sul do país, de acordo com Cintra (1958: 48) e Martins (1985), esta monotongação surgiu provavelmente antes, visto existirem grafias associadas à monotongação muito anteriores. Em contrapartida, a centralização do ditongo [ej] deu-se em Lisboa já no decorrer do século XIX, segundo Viana (1883) – ver ainda Barros (1994). Além disso, foi referida a sua ocorrência por Vasconcelos (1901: 93) em alguns dialetos setentrionais de Entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes pouco mais tarde, o que dificilmente pode ser entendido como um fenómeno de standardização. Inicialmente, a centralização diferenciava o modo de falar de Lisboa, por exemplo, do de Coimbra

3 Consideramos para este efeito a representação proposta por Mateus & Andrade (2000) para os segmentos vocálicos do português, a qual supõe a existência de contrastes em português dos traços binários [alto] e [baixo] no nó Altura, em vez de traços de Abertura com mais graus de diferenciação. Em contrapartida, optamos pelo traço Coronal como Andrade (2020) para a classificação das vogais /i, e, ε/, vogais tidas como Dorsais [-recuado] por Mateus & Andrade (2000).

(Barbosa 1983: 21), embora, atualmente, talvez essa diferença se possa ter esbatido.

O ditongo <ei> é (maioritariamente) monotongado como [e] em toda a área dialetal centro-meridional, com exceção da região de Lisboa (Segura 2013: 102). Resta saber até que ponto a monotongação continua a estar presente na fala espontânea das crianças desta ampla região hoje em dia, uma vez que a descrição dialetal resulta da análise de fala de adultos, em geral com dados do último quartel do século XX. Na capital do país, prevalece a forma centralizada do ditongo, [ej], embora esta conviva com a sua forma monotongada [e] (e com [aj], quando seguido por consoante palatal – Barros 1994). A forma fonética [e] é particularmente frequente antes de consoantes palatais e da consoante vibrante /r/ (Andrade 1981: 36). Em toda a faixa a litoral acima de Lisboa, estima-se que prevaleça o ditongo sob a forma [ej] (Cintra 1958, 1971, Segura 2013: 102), enquanto nas regiões do Interior Norte e Centro se estima que ocorra ora [ej] ora [e] ou, quem sabe, a sua forma monotongada [e]. Não existem ainda estudos que analisem a dispersão da forma ditongada centralizada do ditongo. Este estudo poderá levantar pistas sobre a sua possível disseminação na região centro-meridional fora de Lisboa, tendo em conta tratar-se de um traço linguístico presente na variedade falada na capital ao qual pode ser associado prestígio. Paralelamente, o trabalho permite obter informação nova acerca do ditongo /el/ na região transmontana. Veja-se a distribuição dialetal das formas do ditongo <ei>, com ditongo e monotongo, no mapa 1, mais adiante. A observação desse mapa permite ver que as duas localidades de Trás-os-Montes – Bragança (B) e Chaves (Ch) – se encontram na área de preservação do ditongo e que as duas localidades alentejanas – Elvas (E) e Vila Nova de Santo André (VNSA) – fazem parte da área de monotongação.

MAPA 1 – Algumas isófonas dialetais em Portugal Continental (mapa adaptado de Cintra, 1971) – Fonte: Segura (2013).



1.2. A complexidade fonológica associada ao ditongo /eɪ/

A representação fonológica proposta para os ditongos fonéticos existentes em português depende do modelo teórico utilizado. Por um lado, a opção de criação ou não de núcleos ramificados e, por outro, a da consideração ou não do peso silábico possibilitam diversas análises fonológicas dos ditongos em geral, umas com duas vogais, outras com vogal e semivogal e, dependendo dos casos, com apenas uma vogal, mas com bifurcação subsegmental. Não tendo como objetivo discutir as diversas análises possíveis desta complexa questão fonológica, neste artigo, optamos por seguir a análise autosssegmental de Mateus & Andrade (2000).

Pensando agora apenas no ditongo <ei>, podemos estar na presença de diversas representações abstratas, em alguns casos provenientes das línguas de origem. Percorramos, por isso, os principais tipos de palavras em que este ditongo se manifesta em português, muitos dos quais se encontram representados na amostra de escrita estudada mais adiante.

Num dos grupos de palavras mais numeroso, o de palavras como

“*andei*”, “*juntei*”, o ditongo fonético resulta da junção da vogal temática /a/ da forma verbal com a vogal da 1.^a pessoa do pretérito, /i/, realizando-se no mesmo núcleo com assimilação, por parte da primeira vogal, do traço coronal da segunda vogal fonológica. Em casos como os de “*ceifa*” < Ár. *çaiifa*, “*queimar*” < Gr. *káīma*, por *kaūma*, observa-se igualmente esta assimilação, independentemente da estrutura morfológica envolvida. Noutros casos houve metátese da consoante fricativa e da vogal como em “*beijo*” < Lat. *bašiu*, “*queijo*” < Lat. *casēu*, “*queixar*” < Lat. **quassiare*, para além da assimilação regressiva atrás referida.

Em muitas outras palavras, o ditongo fonético deve-se historicamente a uma inserção, motivada pela existência de um hiato, em algum momento. É o que acontece em palavras como “*ceia*” < Lat. *cena*, “*cheio*” < Lat. *plenu*, “*eido*” < Lat. *adītu*, “*meio*” < Lat. *mediu*, nas quais ocorreu ditongação na sílaba acentuada, após a queda da consoante (em “*meio*”, certamente, <i> estaria já enfraquecido em latim vulgar). Nos casos de palavras como “*seio*” < Lat. *sinu* observa-se o mesmo resultado fonético em português contemporâneo, apesar de a vogal ser /i/ em vez de /e/ ou /a/ na língua de origem.

Existem, igualmente, muitos casos como “*feira*” < Lat. *feria*, “*eira*” < Lat. *area*, em que o ditongo surge por metátese envolvendo a consoante vibrante.

Existem casos como os de “*deitar*” < Lat. *dejectare*, “*feito*” < Lat. *factu*, “*queixo*” < Lat. *capsu*, nos quais a semivogal resulta de semivocalização da consoante em fim de sílaba. E, também, casos em que o ditongo ocorre quando um /a/ se encontrava em latim seguido de /ks/, como em “*deixar*” < Lat. **daxare*, por *laxare* ou “*seixo*” < Lat. **saxu*, por *saxe* ou, ainda, “*seis*” < Lat. *sex*. Outros casos envolvem mudanças diferentes na estrutura das sílabas ou das palavras, como sucede em “*cheirar*” < Lat. **flagrare*, por *fragrare*, onde parece ter existido a semivocalização de /g/ – ainda que este fizesse parte de um ataque silábico ramificado em latim – e, ainda, em palavras como “*queira*”, “*sei*”, mais facilmente explicáveis por alomorfia.

Tendo presentes os exemplos de estruturas em que o ditongo fonético surge, podemos dizer que a primeira vogal do ditongo deriva historicamente de /e/ ou de /a/ e que o segundo segmento já existia na palavra como semivogal na língua de origem ou resultou de um processo de semivocalização de

uma consoante (em geral, em fim de sílaba) ou de uma inserção.

Assim, no que se refere ao ditongo aqui estudado, vemos que, na proposta de Mateus & Andrade (2000: 79), este só existe foneticamente graças ao processo de silabificação. É criado um núcleo silábico ramificado pela junção de duas vogais fonológicas, com as respetivas posições, que passam a partilhar o articulador da segunda vogal – cf. “*andei*”. Os autores sugerem que quase o mesmo se passa no caso de não haver segunda vogal na estrutura, ou seja, de a semivogal ocorrer devido a inserção, embora neste caso a semivogal não tenha posição na fiada do esqueleto.

Segundo Mateus & Andrade (2000), esta silabificação deve-se ao facto de a segunda vogal do ditongo ser uma vogal inacentuável – a qual, salvo exceções justificadas⁴, não pode ser realizada como vogal (ou seja, não pode ocupar a posição de núcleo sozinha). Dessa forma, o ditongo pode ser entendido como a combinação num mesmo núcleo da vogal /e/ (por vezes, proveniente de /a/) com a vogal alta /i/. A vogal /i/, por se encontrar adjacente a outra vogal, silabifica-se no núcleo à sua esquerda, formando então o núcleo fonético ramificado.

1.3. A aquisição dos ditongos em português europeu

No caso do PE, diversos trabalhos, naturalistas e experimentais, descrevem os ditongos orais como estruturas de aquisição e estabilização tardias (Freitas 1997, Correia 2004, Fikkert & Freitas 2006).

Os dados sobre a aquisição dos ditongos são distintos, consoante as sequências tautossilábicas sejam do tipo VGC_{fricativa} ou do tipo VG. No que concerne à primeira estrutura, ou seja, ditongo seguido de consoante à direita, Correia (2004) verificou na sua amostra que esta se encontrava adquirida e estabilizada desde muito cedo. O mesmo não foi observado para os ditongos orais VG, uma vez que estes revelaram um comportamento instável ao longo das diversas sessões. A dificuldade na produção conforme o alvo destes ditongos pode, segundo a autora, derivar do facto de as crianças portuguesas processarem até tarde alvos VG como V, pois as estratégias de reconstrução usadas pelas crianças contêm simplificação do Núcleo ramificado num Núcleo

4 Esta vogal só dá origem a um núcleo em português se se encontrar em posição interconsonântica, como acontece na palavra “*prática*”, por exemplo.

monoposicional. Ou seja, a aquisição de Núcleo ramificado só se regista, quando as crianças adquirem o contraste entre vogais/ditongos e a produção de consoantes soantes em Coda (Freitas 1997, Correia 2004).

Neste sentido, de acordo com Correia (2004), é registada a seguinte ordem de aquisição para os ditongos orais:

Estádio I - ditongos orais seguidos de consoante fricativa (sempre em sílaba tónica);

Estádio II - ditongos orais não seguidos de consoante fricativa em sílaba tónica e em sílaba átona.

No que diz respeito às produções que não estão conforme o alvo, estas são essencialmente de dois tipos: a não produção do alvo (peixinho produzido como [p'fjɲu]) ou, como já referido, a produção do alvo como V (leite produzido como ['let])⁵⁵.

1.4. A aprendizagem da escrita do ditongo <ei>

Ao contrário da linguagem oral, que é adquirida pela criança de forma espontânea por exposição à fala da comunidade envolvente, a escrita é aprendida em contexto formal com ensino explícito, por envolver outros tipos de complexidade. Além da complexidade estrutural – fonológica, acima de tudo –, a aprendizagem da modalidade escrita de uma língua implica complexidade do sistema ortográfico e complexidade gráfica, propriamente ditas (ou seja, a complexidade resultante de haver uma ou mais representações da mesma estrutura fonológica e esta servir ou não para representar mais do que uma estrutura da língua, assim como a que resulta do facto de haver símbolos com forma semelhante, passível de confundir os aprendentes na fase inicial da aprendizagem da escrita). Porém, apesar de serem modalidades que possuem especificidades próprias, a aquisição/desenvolvimento fonológico e a aprendizagem da escrita estão estreitamente relacionados entre si, estabelecendo uma relação bidirecional e complementar (Miranda 2014, 2020, Miranda & Veloso 2017, por exemplo). De acordo, entre outros, com os autores mencionados, o conhecimento fonológico alimenta a aprendizagem da escrita e, por seu turno, a aprendizagem da escrita pode provocar reestruturação do

5 Esta produção, alternativamente, pode ser interpretada como sendo resultado de monotongação do ditongo centralizado – pronúncia possível nesta variedade.

sistema fonológico previamente adquirido. Isso significa que da interação entre língua oral e escrita alfabética resulta um conhecimento fonológico moldado por efeito da exposição à forma convencional adotada na escrita das diversas estruturas linguísticas. Estima-se que esse novo conhecimento seja progressivamente adquirido, manifestando-se primeiramente (durante a alfabetização) muito pouco influenciado pelas características ortográficas.

A análise da escrita infantil possibilita a deteção das estratégias espontaneamente adotadas para grafar as estruturas de grafia por elas desconhecida. Estudos na área da história da língua portuguesa têm demonstrado que a escrita de mãos inábeis revela propriedades da língua que, porventura, se vêm a implantar em fases posteriores da língua (Marquilhas 2000, Martins 1999, 2001a e b, entre tantos outros). Ora, numa fase inicial da aprendizagem da codificação, a escrita infantil é ainda inábil (em termos caligráficos e ortográficos), podendo revelar aspetos essenciais para o estudo das especificidades de uso em diversas regiões linguísticas e contribuir para a identificação das propriedades que estão em percurso de mudança. Posto isto, neste trabalho, assume-se a perspetiva de que as primeiras produções escritas da criança, em particular as formas não convencionais, são reveladoras do conhecimento fonológico em construção (Miranda & Pachalski 2020), podendo fornecer pistas sobre o seu conhecimento das unidades fonológicas em cada momento (Miranda & Pachalski 2020, Veloso 2010). Partindo do princípio de que o conhecimento fonológico das crianças se molda de modo diferente consoante a respetiva origem dialetal, as estratégias de escrita que estas utilizam poderão estar relacionadas com a forma fonética por elas produzida e/ou com as formas fonéticas às quais estão expostas na sua variedade linguística. Assim, se se observarem diferenças significativas entre os resultados de escrita e fala das diferentes variedades linguísticas, isso significa que diversos subsistemas fonológicos se encontram em competição atualmente, inclusive nas gerações mais jovens.

No que concerne à aprendizagem específica da escrita dos ditongos, esta é descrita na literatura como problemática para as crianças, em particular, na fase inicial da alfabetização. Esta dificuldade aparenta ser transversal a diversas línguas, uma vez que, para além de se encontrar mencionada para o PE (Rodrigues & Lourenço-Gomes 2016, 2017), é também observada, por exemplo, em português brasileiro (Adamoli 2006, 2012, Henrique & Hora

2013), em espanhol (Defior & Martín-Martín 2001, Defior & Serrano 2005), entre outras línguas.

No caso específico do ditongo /el/, há a referir para o PE os estudos de Rodrigues & Lourenço-Gomes (2016, 2017). Nestes trabalhos, as autoras analisam textos das cidades de Lisboa (L) e Porto (P), dado que as duas pertencem a variedades linguísticas distintas, com L a representar os dialetos centro-meridionais e P os dialetos setentrionais. Como base na descrição dialetal feita para o PE apresentada no artigo (secção 1.1.), em Rodrigues & Lourenço-Gomes (2016) foi levantada a hipótese de a preservação do ditongo nas regiões de Norte de Portugal favorecer a aprendizagem da escrita, uma vez que a representação escrita e a forma oral são mais congruentes para os falantes que produzem [ej]. Os resultados apresentados das crianças do Porto atingiram taxas de sucesso na escrita mais elevadas do que as de Lisboa, nomeadamente, 92,6% para a primeira cidade e 71,7% para a segunda. No que diz respeito às principais FNCs observadas, destacam-se <*ai> para L, com uma taxa de ocorrência de 22,8% e <*e> para P, com uma frequência de 4,1%. Estas FNCs parecem reforçar a ideia de que a variedade influencia a aprendizagem da escrita, pois as crianças falantes da variedade em que a pronúncia do ditongo corresponde a [ej], ou seja, L, representam frequentemente o ditongo com a forma errónea <*ai>. Além disso, as diferenças de pronúncia nas duas variedades estudadas explicam também a maior frequência da grafia <*e> no P, não por mostrar a existência de monotongação, mas por indicar a baixa frequência de centralização do ditongo no Porto e respetiva monotongação. Numa tentativa de fornecer mais dados para a discussão iniciada nos trabalhos anteriormente mencionados, o presente trabalho tem como objetivo a observação e a comparação do comportamento escrito de estudantes de duas regiões dialetais diferentes: falantes da variedade setentrional, aqui representados por crianças de B e de Ch, vs. falantes do dialeto meridional, aqui representados por estudantes de E e de VNSA. De forma a dar mais robustez à discussão, analisar-se-ão também produções orais dos estudantes.

2. Metodologia

No sentido de atingir os objetivos formulados – analisar produções escritas e orais de crianças de dialetos distintos –, recorreu-se ao *corpus* EFFE-On: Escreves

como falas - falas como escreves? (Rodrigues *et al.* 2015). A escolha desta base de dados prendeu-se com o facto de se tratar de um *corpus* de acesso *on-line* gratuito que contém dados de fala e escrita de crianças no primeiro ciclo de escolaridade. Todos os textos foram escritos em sala de aula, sob a orientação de um investigador responsável. Até ao momento, existem essencialmente três géneros textuais neste *corpus*: (i) descritivo, com base numa imagem cenário (cidade, floresta, cozinha, sala e casa de banho); (ii) narrativo, motivado por uma sequência de imagens que contam uma história sem texto (histórias da Bruxinha, de Eva Furnani); (iii) narrativo, originado com base num tema livre proposto pelo professor⁶.

Os dados foram extraídos do *corpus* em outubro de 2021 e, globalmente, foram analisados 202 textos produzidos por alunos do 2.º ano do Ensino Básico. Importa ressaltar que só foram incluídas as produções das crianças sem registo de acompanhamento médico específico que pudesse afetar o desempenho linguístico. Tendo em conta os dados disponíveis no *corpus* e os objetivos do presente artigo, tomou-se como base de investigação uma amostra constituída por 202 textos produzidos por crianças de Bragança (B), Chaves (Ch), Elvas (E) e Vila Nova de Santo André (VNSA).

Na tabela 1, é apresentada o número de crianças por ano de escolaridade, por sexo (quando possível) e por cidade e, ainda, o número de textos observados por localidade.

TABELA 1 – Número de textos e de crianças do 2.º ano, por sexo, de VNSA, E, B e Ch.

Localidades	Nº de crianças por sexo		Nº de textos
	Feminino	Masculino	
B	26	15	59
Ch	25	19	71
E	15	21	56
VNSA	NR	NR	16
<i>Total</i>			202

⁶ Este tipo de texto só está presente nas produções escritas da região de VNSA e o tema proposto foi “As minhas férias de Carnaval”.

Uma vez extraídos os dados de escrita, estes foram transferidos para o editor *Microsoft Excel*, onde se procedeu à análise. Ao todo, foram registadas 240 ocorrências que foram codificadas quanto ao (i) tipo de produção – forma convencional (FC) vs. forma não convencional (FNC); (ii) tipo de estratégia utilizada pelo aluno – substituição; omissão; outros; (iii) à classe de palavra – nome; verbo; adjetivo; outros; e, por último (iv) à posição do acento relativamente ao ditongo (átono vs. tónico). Para o cálculo das taxas de sucesso, foram consideradas todas as estruturas produzidas, independentemente de o item lexical poder apresentar outras FNCs noutros pontos da palavra. Os resultados de escrita obtidos neste trabalho foram comparados com os de Rodrigues & Lourenço-Gomes (2017) – já atrás referidos –, de forma a melhor compreendermos os possíveis efeitos do dialeto na aprendizagem da escrita. A inclusão destes dados revela-se pertinente dado que a metodologia subjacente à produção dos textos das crianças em L e P foi a mesma utilizada para a produção dos textos analisados neste nosso trabalho. Para além disso, os resultados de L e P enriquecem a discussão qualitativa do ponto de vista dialetal, pois essas duas cidades pertencem a variedades linguísticas diferentes das aqui estudadas.

No que se refere às produções orais das crianças, estas foram obtidas através de uma entrevista individual, com a duração de cerca de 10 minutos, conduzida pelo investigador responsável, tendo como base a imagem-cenário correspondente ao texto escrito pela criança. Durante a entrevista, foi pedido à criança que recontasse oralmente a história anteriormente escrita, na tentativa de obter o maior número possível de palavras potencialmente escritas previamente pela criança, em discurso espontâneo. No que diz respeito ao tratamento dos dados orais, foram analisadas somente as gravações das localidades de B, Ch e E, uma vez que em VNSA não houve registo de áudio com as crianças participantes (uma limitação parcial para este nosso estudo). Das entrevistas das crianças, foram extraídas todas as palavras com o ditongo /el/, que posteriormente foram alvo de transcrição fonética. Todas as produções que levantaram dúvidas no processo de transcrição fonética foram analisadas acusticamente no software *Praat* (Boersma & Weenink 2021, versão 6.1.40) com vista à sua resolução.

3. Resultados

A descrição dos dados encontra-se dividida em três partes. Na primeira subsecção, centrar-nos-emos na apresentação das taxas de sucesso na escrita do ditongo <ei> em cada localidade. Na segunda subsecção, descrever-se-á as FNCs registadas. Por último, terminar-se-á a exposição dos resultados comparando as formas não convencionais encontradas com as produções orais das crianças que as produziram.

3.1. Taxas de sucesso

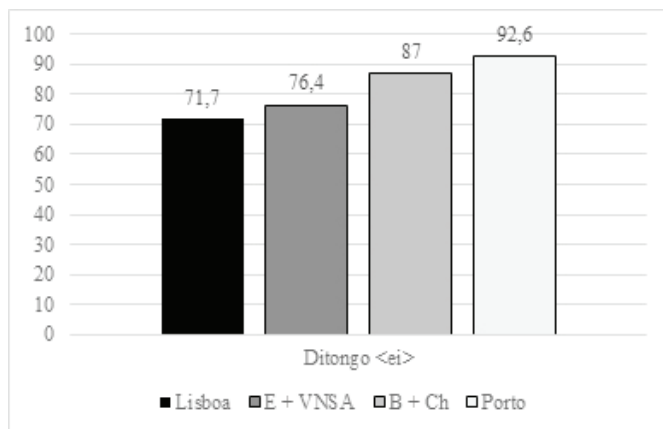
Nos textos analisados da região dialetal meridional (representada por E + VNSA), o ditongo <ei> é escrito em conformidade com o alvo em 76,3% das ocorrências, ao passo que na região dialetal setentrional (representada por B + Ch) o é em 87% das ocorrências. Os dados sob análise encontram-se sumariados na tabela 2.

TABELA 2 – Número de FC e de FNCs para o ditongo <ei>, das cidades de E + VNSA e B + Ch.

	<ei>	<i>n</i>	%
E + VNSA	FC	84	76,4
	FNC	26	23,6
B + Ch	FC	160	87
	FNC	24	13
<i>Total</i>		294	

Analisando os resultados obtidos nos dois dialetos com os dados registados em Rodrigues e Lourenço-Gomes (2017) para as cidades de L e P, verifica-se que os textos pertencentes às crianças dos dialetos centro-meridionais (L e E + VNSA) obtêm taxas de acerto mais baixas, se comparadas com as produções escritas dos estudantes dos dialetos setentrionais (P e B + Ch).

GRÁFICO 1 – Produções escritas corretas para o ditongo <ei>, 2.º ano, das cidades E + VNSA e B + Ch.



Da leitura dos dados, sublinhamos o facto de o P apresentar percentagem mais alta de produções escritas conforme o alvo, 92,6%. Em seguida, são as regiões de B + Ch a apresentarem taxas de acerto mais elevadas, com 87%. Estes resultados parecem confirmar a possível influência positiva que dialeto setentrional (sobretudo na região litoral) tem na aprendizagem da escrita, pois a preservação do ditongo na oralidade como [ej] (referida pelos estudos dialetais) aparenta favorecer a estabilização da representação gráfica da sequência <ei>. As crianças de E + VNSA (regiões ditas de monotongação, sem centralização) apresentam melhores resultados do que as de L (região de centralização do ditongo), contrariamente ao esperado. E + VNSA registam, em conjunto, taxas de acerto de 76,4%, enquanto L apresenta apenas 71,7%. Ainda assim, registam-se para as crianças das duas localidades alentejanas piores resultados do que para as dos dialetos setentrionais e, além disso, FNCs com o mesmo formato encontrado nos textos das crianças de L – ou seja, <*ai> e <*a>. Em conclusão, a ordem crescente das taxas de sucesso é a seguinte: L < E + VNSA < B + Ch < P (relembre-se que em P prevalece a versão não centralizada do ditongo). Se a manutenção do ditongo favorece a aprendizagem da escrita deste ditongo, porquê será que as crianças de Lisboa têm tantas dificuldades?

3.2. Formas não convencionais

Nesta secção, descrever-se-ão FNCs observadas nas duas regiões dialetais do presente estudo. A Tabela 3 sistematiza os resultados quantitativos. Salienta-se que a percentagem de cada formato de FNC foi calculada tendo em conta o número total de FNCs da região (e não o total de formas escritas, confronte-se tabela 2).

TABELA 3 – Percentagem das FNCs para o ditongo <ei> de E + VNSA e B + Ch.

E + VNSA			B + Ch		
FNC	<i>n</i>	%	FNC	<i>n</i>	%
<*ai>	11	42,3	<*ai>	10	41,7
<*e/é>	11	42,3	<*i>	4	16,6
<*a>	2	7,7	Outras FNCs	4	16,6
Outras FNCs	2	7,7	<*a>	2	8,3
<*eu> 2			<*ae>	2	8,3
			8,3		
<i>Total</i>	26		<i>Total</i>	24	

O formato de FNCs mais frequente é <*ai> nos dois dialetos, embora no Alentejo <*e/é> apresente percentagem igual. No total, <*ai> representa 42,3% das FNCs nas localidades de E + VNSA e 41,7% em B + Ch. A preponderância desta forma gráfica em E + VNSA permite-nos supor a existência de uma possível influência do dialeto padrão na variedade falada do Sul (por um fenómeno de standardização), embora não seja de excluir a hipótese de aí acontecer espontaneamente o que parece ter acontecido em localidades do Norte de Portugal – e que foi captado, no início do século XX, por Vasconcelos (1901) –, decerto, com menos impacto de standardização. Nas regiões meridionais, a par de <*ai> e com a mesma frequência, registam-se as FNCs <*e/é>, representando 42,3% das FNCs desta amostra. Estes dados parecem apontar para o facto de a monotongação na oralidade condicionar a estabilização da grafia <ei>

no Alentejo. Contudo, os formatos erróneos só com a primeira vogal do ditongo (<e>) não ocorreram tanto quanto se poderia supor, o que se pode dever ao trabalho específico dos professores com esta estrutura em sala de aula – posto que é um traço que constitui um marcador linguístico da região. Comparando os nossos resultados com os de Rodrigues & Lourenço-Gomes (2017), nos dialetos setentrionais, vemos que <*ai> ocorre em B e Ch mas não no P, onde a FNC mais frequente registada é <*e>⁷. No que concerne a B e Ch, a segunda forma desviante mais produtiva é <*i>, mas com um total de apenas 4 ocorrências. De seguida, nas Tabelas 4 e 5 são apresentados alguns dos exemplos de FNCs registadas em E + VNSA e B + Ch.

TABELA 4 – Exemplos de FNCs para o ditongo <ei>, das cidades de E + VNSA.

Região dialetal	Contexto precedente	Palavra-Alvo	Contexto seguinte	FNCs
VNSA + E	Saltei no trapolim e nos	ençofelavais	, escorregai no escorrega.	<*ai>
	E a casa costa muito	dinlhairo	. O carro é vermelho	<*ai>
	mas ela so comia	golosemas	ela não seportava ela	<*e>
	ratos um estava a comer	quéjo	e o outro estava a	<*é>
	e us rato cuomeiro o	qujo	e comeiro dao.	Omissão
	O Ratinho come	cajinho	Era uma ves uma menina	<*a>

7 É de referir, no entanto, que [ej] foi considerada uma forma de prestígio no Porto por Moutinho (1988).

TABELA 5 – Exemplos de FNCs para o ditongo <ei>, das cidades de B + Ch.

Região dialetal	Contexto precedente	Palavra- Alvo	Contexto seguinte	FNCs
B + Ch	Um dragão está a	daitar	fogo. A mointas arveres	<*ai>
	rato estava a comer o	caijo	. O rato estava ao pede	<*ai>
	O outor rato tirou o	quizo	da mēsa e comeu	<*i>
	brulha esta a fazer um	fitiso	e tafono o caõ e	<*i>
	A bruxa Íris e a	Ma-siaera	. Éra uma vez uma	<*ae>
	A bruxa	afati-sou	o pássaro e o gato	<*a>

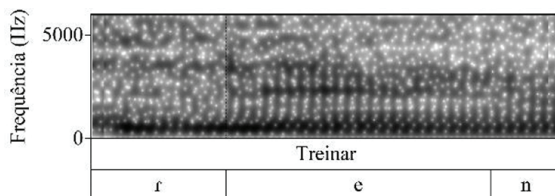
Uma vez descritas as principais estratégias de escrita utilizadas pelas crianças na escrita do ditongo, torna-se agora pertinente descrever os dados da oralidade das crianças que produziram formas gráficas desviantes para o ditongo /ei/.

3.3. Comparação das FNCs com produções orais

No que diz respeito às produções orais, tal como referido anteriormente, foram analisadas somente as ocorrências das crianças que apresentaram FNCs na escrita, 16 crianças, no total. Pretende-se, assim, verificar se as formas escritas espelham a(s) forma(s) oral(is) da criança.

Começando a descrição pelos dados de fala de E, foram analisados dados de 8 estudantes, tendo sido registadas, para 4 destas crianças (estudantes 244, 245, 248 e 253), 8 produções orais correspondentes à forma monotongada do ditongo (cf. exemplo ilustrado na figura 1).

FIGURA 1 – Exemplo de espectrograma da palavra “treinar” produzida com monotongação do ditongo pelo estudante 245.



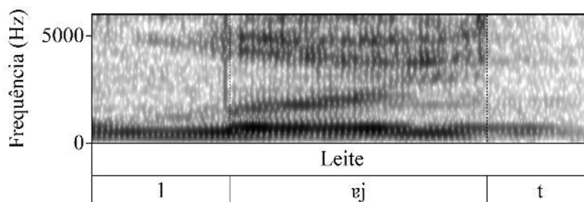
Estes dados permitem, assim, levantar a hipótese de que a conservação do traço dialetal registado em trabalhos prévios em Dialectologia ainda se mantém na oralidade de alguns falantes do Sul do país (Cintra 1971, Segura 2013). No que diz respeito às formas ortográficas adotadas pelas crianças que produziram na oralidade a forma monotongada, verificaram-se casos onde houve uma correspondência entre a oralidade e a escrita. Exemplo disso são as produções da criança 245 que produziu “treinar” como [tre'nar] e escreveu **trenar* e da criança 253 que adotou na oralidade a forma monotongada do ditongo – [di'neru] para “dinheiro” – replicando-a na escrita: **dinhero*. Nestes dois exemplos, parece existir uma clara correspondência entre a oralidade e a escrita, com uma eventual tentativa, por parte das crianças, de espelharem na forma gráfica a maneira como pronunciam a palavra. Porém, esta relação oralidade-escrita nem sempre se verifica, tal como ilustram os dados das crianças 248 e 244. Começando a análise pelas produções orais do aluno 248, em todas as palavras com o ditongo, este produziu sempre a forma monotongada: “treino” como [tre'nu]; “chuteiras” como [ʃu'tere]; e “carteira” como [ker'tere]. Na escrita, porém, o estudante ora optou pela sequência gráfica < *ai > para representar o ditongo, escrevendo **dinlhairo* para “dinheiro”, ora adotou a forma ortográfica convencional, como aconteceu para a palavra “feio” (cf. texto E_248_BR-CH_2_SV). Tendo em consideração os dados disponíveis para esta criança, a representação ortográfica do ditongo parece não estar estabilizada, dado que este tanto é representado corretamente como é representado pela forma errónea < *ai >. Porém, uma vez que a criança opta sempre pela forma oral [e], a representação fonética adotada pela criança parece não estar na base desta instabilidade. Neste sentido, e tendo em conta a forma desviante

selecionada – <*ai> – é possível colocar a hipótese de ser o contacto com a forma centralizada do dialeto padrão a atrasar a estabilização da ortográfica <ei> desta criança.

No que concerne às produções orais da criança 244, estas variam entre a forma monotongada do ditongo – “prateleira” como [per'tilere] e “leite” como [l'letɨ] – e a forma centralizada do ditongo – “deitadas” como [dej'tadej] e “queijo” como [k'ejʒu]. Esta variação na forma fonética do ditongo parece sugerir que as formas [e] e [ej] se encontram em concorrência na gramática da criança. Relativamente aos dados de escrita da criança 244, só foram registadas duas ocorrências de FNCs para o ditongo: **bein* para “beijinho”, em que <in> corresponde a – inho, e **qujo* para “queijo”, na qual existe omissão da representação do ditongo. Ao contrário da criança 248, e apesar da escassez de dados, no caso da criança 244, é possível levantar a hipótese de ser a variação que a criança apresenta para o ditongo na oralidade a condicionar a estabilização da forma ortográfica <ei>.

Em E, para além da forma monotongada do ditongo, também foram registadas ocorrências correspondentes a [ej]. De uma maneira mais detalhada, observaram-se, nas produções orais de 4 crianças (crianças 186, 261, 263 e a já descrita criança 244), 8 ocorrências correspondentes à forma centralizada do ditongo (cf. exemplo da figura 2). Neste sentido, e tal como já tinha sugerido para os dados orais descritos acima da criança 244, a forma centralizada do ditongo e a monotongada parecem estar presentes nesta variedade dialetal, visto surgirem na fala de certas crianças.

FIGURA 2 – Exemplo de espectrograma da palavra “leite” com ditongo centralizado – criança 186.

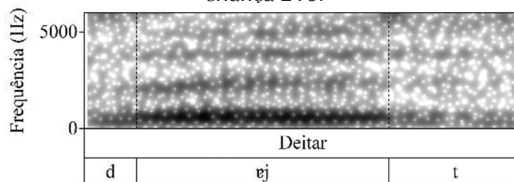


Começando a descrição dos resultados pelos dados da escrita da criança 186, foi observada uma oscilação entre a FNCs <*ai> e <*e>, pois

ela grafou as palavras “queijinho”, “deitar” e “queijo” como **cajinho*, **daitar*, **quaijo* mas grafou a palavra “guloseimas” como **golosemas*. Relativamente às produções orais, a forma centralizada do ditongo foi a preferida da criança, podendo, assim, ser explicada a preferência pelo uso da forma <ai> na escrita. Porém, esta oscilação entre duas formas gráficas parece mostrar também que a criança se encontra em contacto com a forma monotongada e, como tal, apresenta ainda dúvidas sobre como deve representar graficamente o ditongo, embora outras hipóteses de explicação para o erro possam ser indicadas (por exemplo, por a criança se encontrar num nível muito baixo de domínio da escrita, ela pode ter adotado a representação do ditongo sem a segunda vogal gráfica). No que diz respeito às crianças 261 e 263, apesar de ambas preferirem a forma fonética [ej] (e.g. “leite” [ˈlɛjtɨ] ou “queijo” como [ˈkɛjʒu], respetivamente), na escrita, optaram sempre pelas FNCs <*e> e <*é>, respetivamente. Por outras palavras, a criança 261 escreveu “queijo” como **quejo* e a criança 263 adotou, para o mesmo item lexical, a forma ortográfica **quéjo*. Estes dados, permitem, uma vez mais, levantar a hipótese de ser a possível influência da monotongação do dialeto meridional a atrasar a estabilização da escrita de <ei> (embora, as FNCs também se possam dever a outros fatores, como o anteriormente referido a propósito da criança 186).

Relativamente às produções orais das crianças que escreveram com erro o ditongo <ei> das regiões transmontanas estudadas (B + Ch), foram registadas 16 ocorrências da forma fonética [ej] (cf. figura 3) nos 8 estudantes analisados.

FIGURA 3 – Exemplo de espectrograma da palavra “deitar” com ditongo centralizado – criança 216.



Para 4 dos 8 alunos (nomeadamente, para as crianças 200, 204, 213 e 216) observou-se uma possível relação oralidade-escrita. Importa ainda

referir que, destas 4 crianças, as FNCs observadas foram sempre do tipo <*ai> ou do tipo <*ae>. Neste sentido, é possível, uma vez mais, colocar a hipótese de que a forma oral adotada pela criança afeta a forma escrita por esta selecionada. Para além disto, estes dados permitem-nos levantar, de igual modo, a hipótese de o ditongo /el/ ser preferencialmente produzido com a sua forma centralizada [ej] pelas gerações mais novas na região transmontana aqui estudada, embora tal só possa ser confirmado com estudo experimental mais exaustivo.

Uma vez descritos os dados em que a correspondência oralidade-escrita se confirma, torna-se agora relevante apresentar os dados em que esta relação não existe. Assim, e tendo em consideração os dados das restantes 4 crianças (estudantes 148, 153, 212 e 232), observou-se para a criança 148 a forma ortográfica *dinhenro para “dinheiro”, mas a pronúncia [di'nejru]; para a criança 153 a FNCs *quizo para “queijo”, mas a forma fonética [kɛjɹu]; ainda para “queijo(s)”, a criança 212 apresenta a forma errónea *cejo e a respetiva forma oral ['kejzu] e, por último, a criança 232 apresenta “queijo” escrito como *quesjo e pronunciado como ['kejzu]. Nestes casos, verifica-se ainda uma instabilidade na representação gráfica do ditongo que não é, contudo, influenciada pela forma como o aluno o pronuncia. Ainda mais do que nos casos anteriormente referidos, a hipótese de explicação para estes erros pode ser a de estas crianças se encontrarem num nível muito inicial de aprendizagem da escrita e, por isso optarem pela omissão de uma das vogais do ditongo.

3. Considerações finais

No presente artigo, observamos o comportamento na escrita e na oralidade de estudantes do 2.º ano do 1.º ciclo, no que diz respeito ao ditongo /el/. Dado tratar-se de uma estrutura sujeita a variação dialetal, foram analisados dados de escrita e de produções orais de crianças da variedade centro-meridional (região de monotongação), aqui representada pelas localidades de E + VNSA, e da variedade setentrional (região de preservação do ditongo), aqui representadas pelas localidades de B + Ch.

No que diz respeito às produções orais das crianças, registaram-se formas

centralizadas em B, Ch e em E (cf. figura 2 e 3), embora menos nesta última, certamente por aí existir a forma concorrente monotongada, [e]. O facto de [ej] ter sido observado nas duas regiões dialetais analisadas é inesperado, em face das descrições dialetais existentes. Poderá isso consistir numa influência do dialeto padrão em áreas linguísticas tão afastadas em termos geográficos? Será que a preservação do ditongo em Trás-os-Montes possui apenas recentemente a forma centralizada? Ou será a versão centralizada do ditongo um traço já presente na língua há muito tempo que pode ser exponenciado em diversas regiões do país, em função da inexistência de concorrência com a forma monotongada [e]? Estas são apenas algumas das perguntas que este trabalho sugere e a respeito das quais precisamos de mais dados para podermos obter respostas mais precisas. Em E, uma região linguística de monotongação, também se registaram produções do tipo [e] (além de [ej]), evidenciando, assim, a preservação dessa característica dialetal em crianças. Como tal, a centralização do ditongo e a monotongação concorrem nesta variedade. Esta variação fonética na comunidade, parece-nos ser a causa das maiores dificuldades das crianças desta região a propósito da forma gráfica do ditongo /el/.

Retomando os dados de escrita analisados, foi possível observar uma diferença de desempenho entre as crianças da região norte e as da região sul do país, visto que estas últimas apresentam frequência de FNCs mais alta do que as primeiras; se considerarmos em conjunto os resultados de Rodrigues e Lourenço-Gomes (2017) e os agora obtidos, observa-se a seguinte ordem decrescente de taxa de sucesso na escrita: L > E + VNSA > B + Ch > P.

Estes resultados corroboram a ideia de que o dialeto falado tem influência nas formas ortográficas não convencionais espontaneamente produzidas pelas crianças. As FNCs devem ser analisadas região a região, de modo a poderem ser exploradas pelos docentes para melhorar a sua prática docente.

Por possuírem [ej] maioritariamente, as crianças da região em que há maior transparência entre a oralidade e a escrita (P) obtêm melhores resultados do que as restantes. Os dados de escrita das crianças transmontanas também não revelam muitas FNCs; no entanto, as crianças que as produzem apresentam a forma centralizada do ditongo na oralidade. O comportamento destas últimas é idêntico ao das crianças de Lisboa, que também possuem a forma fonética centralizada do ditongo. Assim, as crianças de variedades

onde a centralização do ditongo está presente sentem mais dificuldade em estabilizar a respetiva forma escrita. Sendo Lisboa a localidade onde mais se utiliza a forma centralizada do ditongo, não admira que seja aí que a taxa de acerto na escrita de crianças do 2.º ano seja a mais baixa. Porém, de um modo geral, as crianças das variedades com menor grau de transparência entre oralidade e escrita e aquelas das regiões onde se regista mais variação fonética na realização do ditongo (L, E+ VNSA) parecem ter sempre mais dificuldade na estabilização da forma ortográfica do ditongo <ei>. Nas regiões alentejanas, o desempenho das crianças é prejudicado pela coexistência de formas centralizadas e formas monotongadas na oralidade das crianças (e na comunidade), ao passo que em L é a centralização apenas que atrasa o seu desempenho. Contudo, como em L a centralização é geral, ela afeta mais crianças, logo, os resultados globais de FNCs são aí mais altos.

As FNCs não foram sempre as mesmas nas duas regiões dialetais aqui analisadas. Na região de B + Ch, <*ai> foi a FNC dominante, correspondendo a 41,7% das FNCs, mostrando que a forma centralizada do ditongo está presente nesta região na fala infantil com reflexo na sua escrita, o que não tinha ainda sido possível perceber até ao momento. Na variedade meridional (E + VNSA), as principais FNCs observadas corresponderam às estruturas <*ai> e <*e>/<*é>, o que é compatível com a presença de [ɨ] e de [e] nesta região parecendo condicionar a grafia de <ei> no Alentejo. Porém, as taxas de erro observadas não são tão altas nem aquelas que se poderia supor, o que pode dever-se à existência de trabalho específico dos professores com esta estrutura, tida como problemática na região.

Os resultados obtidos refletem vários tipos de complexidade relacionados com a escrita do ditongo /el/ em português europeu, que sugerem a necessidade de incremento de apresentação às crianças das características da oralidade, em todos os casos: a) a maior complexidade ortográfica inerente do ditongo face a uma vogal para crianças do 2.º ano de escolaridade; b) a maior / menor complexidade estrutural (fonológica) dos ditongos – VV, V+V, VG, VC, V ainda mal dominada por algumas crianças; c) a existência de variação fonética na comunidade envolvente; d) a diferente complexidade da relação grafema-fonema nas diversas variedades linguísticas; e) as diversas abordagens, quer da oralidade, quer da ortografia dos ditongos, adotadas pelos docentes.

REFERÊNCIAS

- Adamoli, M. A. (2006). Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Pelotas.
- Adamoli, M. A. (2012). Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais [Tese de Doutoramento]. Universidade Federal de Pelotas.
- Andrade, A. (2020). Vocalismo. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português* (Vol. 3, pp. 3239-3330). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Andrade, E. d'.(1981). Uma mudança fonética. In *Temas de Fonologia* (pp. 31-38). Edições Colibri.
- Barbosa, M. (1983). *Etudes de Phonologie Portugaise*. 2ª ed.: Universidade de Évora. [1.ª ed. 1965, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar].
- Barros, R. (1994). *Contributo para uma análise sociolinguística do português de Lisboa: variantes de /e/ e /e/ em contexto pré-palatal* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa.
- Boersma, P., & Weenink, D. (2021). *Praat: doing phonetics by computer* (Versão 6.1.40) [Software]. <http://www.praat.org/>
- Cintra, L. F. (1958). Os ditongos decrescentes *ou* e *ei*: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. In L. L. Cintra. (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (pp. 35-54). Sá da Costa.
- Cintra, L. F. (1971). Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, 22, 81-116.
- Correia, S. (2004). *A Aquisição da Rima em Português Europeu - ditongos e consoantes em final de sílaba* [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Lisboa.
- Defior, S., & Martin-Martin, G. (2001). De una fotografía a un puzzle: el desarrollo de la escritura en niños españoles. In C. Muñoz (Coord.), *Trabajos en Lingüística Aplicada* (pp. 637-643). Univerbook Barcelona.
- Defior, S., & Serrano, F. (2005). The initial development of spelling in Spanish: From global to analytical. *Reading and Writing*, 18(1), 81–98.
- Fikkert, P., & Freitas, M. J. (2006). Allophony and Allomorphy Cue Phonological Acquisition: Evidence from the European Portuguese vowel system. *Catalan Journal of Linguistics*, 5, 83-108.

- Freitas, M. J. (1997). *Aquisição da estrutura silábica do português europeu* [Tese de Doutoramento]. Universidade de Lisboa.
- Florêncio, M. (2001). *O Dialeto alentejano contributos para o seu estudo*. Edições Colibri.
- Gomes, J., & Rodrigues, C. (2021a). O grafema <x> e o dígrafo <ch>: um estudo longitudinal do desempenho ortográfico de crianças de três dialetos portugueses. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 16, 39 – 74.
- Gomes, J., & Rodrigues, C. (2021b). A escrita de /s/ e /z/ em português: dados de crianças do segundo ano de escolaridade. *Revista Linguagem & Ensino*, 24(4), 799-824.
- Henrique, P., & Hora, D. (2013). Da fala à escrita: a monotongação de ditongos decrescente na escrita de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. *Letrônica*, 6(1), 108-121.
- Mateus, M. H. M., & Andrade, E. d'. (2000). *The phonology of Portuguese*. University Press.
- Marquilhas, R. (2000). *A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no séc. XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Martins, A. M. (1985). *Elementos para um comentário linguístico do Testamento de Afonso II (1214)* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (1999). Ainda 'os mais antigos textos escritos em português': documentos de 1175 a 1252. *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos, 491-534.
- Martins, A. M. (2001a). *Documentos portugueses do Noroeste e da região de Lisboa. Da produção primitiva ao século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Martins, A. M. (2001b). Emergência e generalização do português escrito. De D. Afonso Henriques a D. Dinis. *Caminhos do Português*, Lisboa, 23-71.
- Miranda, A. R. (2014). A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras, *Linguística*, 30(2), 45-80.
- Miranda, A. R. (2020). Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. *Educação em revista*, 36.
- Miranda, A. R., & Pachalski, L. (2020). Dados de aquisição da linguagem e sistema pretônico das vogais do Português: fonologia e ensino, *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, 24(3), dezembro de 2020, 368-390.
- Moutinho, M. L. (1988). *Analyse Sociolinguistique du Parler de Porto* [Tese de Doutoramento não publicada]. USHS.
- Rodrigues, C. (2021, outubro 18-21). *Reflexos da oralidade na escrita infantil: dados do projeto EFFE-On* [Apresentação de Conferência]. Conexão: Variação Linguística

- e Ensino, Semana Nacional de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.
<https://www.youtube.com/watch?v=mPYOKaSoRLA>
- Rodrigues, C., & Lourenço-Gomes, M. C. (2016). Estudo longitudinal da proficiência ortográfica no 2.º e 4.º anos de escolaridade - estruturas /e/, /el/ e /oU/. *Revista Diacrítica*, 30(1), 115-36.
- Rodrigues, C., & Lourenço-Gomes, M. C. (2017, setembro 7-8). *Aprender com o erro, ensinar sem erro* [Comunicação]. 3.º Encontro A Linguística na Formação do Professor, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Rodrigues, C., Lourenço-Gomes, M. C., Alves, I., Janssen, M., & Lourenço-Gomes, I. (2015). *EFFE-On – Escreves como falas – Falas como escreves?* [Online corpus of writing and speech of children in the early years of schooling]. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). <http://teitok.clul.ul.pt/effe>
- Segura, L. (2013). Variedades dialetais do português europeu. In E. B. P. Raposo, M. F. B. do Nascimento, M. A. C. da Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do português* (Vol. 1, pp. 85-142). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teyssier, P. (1982). *História da língua portuguesa*. Sá da Costa.
- Vasconcelos, L. (1901). *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Viana, G. A. (1883). Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue Portugaise d'après le dialecte Actuel de Lisbonne. *Romania*, 12(45), 29-98.
- Veloso, J. (2010). Primeiras produções escritas e operações metafonológicas explícitas como pistas para a caracterização inferencial do conhecimento fonológico. *Cadernos de Educação*, (35), 19-50.
- Veloso, J. (2019). Assimilação vocálica, coloração e coalescência em sequências V1V2 na diacronia e na sincronia do português: uma proposta descritiva baseada na fonologia dos elementos. In E., Carrilho, A. M. Martins, S. Pereira, & J. P. Silvestre (Orgs.), *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro* (pp. 1515-1540). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).